

JOSÉ RÉGIO E A CHAGA DO LADO:

nota filológica

MARIA BOCHICCHIO*
preciseparole@hotmail.com

A colectânea de poemas intitulada *A Chaga do Lado* foi publicada pela primeira vez em Lisboa, em Setembro de 1954, pela Portugália Editora. Régio contava então com cinquenta e três anos e era já considerado um dos maiores poetas da sua época.

A origem do processo de formação do livro é interessante e permite-nos compreender melhor o seu conteúdo. Régio, numa carta endereçada a Alberto Serpa, dirá: «[...] creio que me está nascendo um novo livro de versos, – bastante prosaico e bruto – nos rápidos intervalos da *Velha Casa* e dos sonhos de teatro. Ser-me-ia bom financeiramente¹. Mais tarde, numa outra carta, Régio explicará detalhadamente ao seu amigo – e futuro editor da *Obra Poética* – os intentos que o moviam:

«O livro que eu te dizia estar a fazer-se em mim – está, na realidade, feito. Chama-se, ao menos por enquanto, *Poema de Circunstância* (lembras-te do ‘Soneto de circunstância’, da *Biografia?* E já o propus à Portugália de Lisboa. [...] Comprendo o teu espanto por esta espécie de precipitação. [...] A razão desta minha resolução, quando, de certo modo, andava eu bastante alheio a ela é a seguinte... ou antes: reparte-se nas seguintes:

*Doutoranda em Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, autora de *‘A Chaga do Lado’ entre o inconformismo Espiritual e a Análise Social: Proposta de Edição Crítico-Genética* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, no prelo).

¹ Correspondência inédita de José Régio, gentilmente cedida para a consulta pela família do autor; carta a Alberto de Serpa de Serpa de 28/01/1954.

a) Vieram-me, ultimamente, uns poemas ásperos e prosaicos, circunstanciais, que naturalmente se combinavam bem com um ou outro esboçado neste largo período de dieta poética. Reunidos, são um, embora magro, volume com característica própria.

b) As antiguidades que se combinaram para me aparecerem todas ao mesmo tempo este ano – têm-me feito gastar mais dinheiro do que me é possível com uma paixão. E haver ainda outra despesa extraordinária nos meus últimos tempos. Tenho necessidade de realizar algum dinheiro.

c) De vários lados se me queixam que os meus habituais leitores hipotéticos não podem ler qualquer livro de versos meu. Tu já conheces o conteúdo: “A edição de luxo é para os raros apenas...” etc. etc. É opinião unânime que, a par dessa edição, eu deveria fazer uma popular, que a não prejudicaria. [...] Isto, por um lado. Por outro: Ainda há pouco um indivíduo escrevia num jornal literário que, ao fim de poucos anos, a minha poesia envelhecera. Tenho testemunho de que isso não é verdade. Mas esse indivíduo aproveitava-se do aparente esquecimento público resultante dos meus livros de versos não aparecerem no mercado, podendo, até, ser mal conhecidos das novíssimas gerações. Ora bem! Um novo livro de versos meus – numa certa medida remedeia esse contratempo: o qual não passa dum contratempo – não vás tu agora cismar nisso! —pois mal vai ao poeta que só é lembrado ou conhecido por aparecer nas montras [sublinhado de Régio]. Bem sabes que aspiro a mais do que isso, e que estas coisas me não tocam senão à superfície da pele literária.»².

Na realidade, a colectânea é constituída por um conjunto de ideias criativas – contíguas no tempo, por um lado; e, por outro, afins nos temas e nos motivos. Régio parte de um núcleo inicial de composições anteriores, poemas inéditos ou perdidos³, fragmentos deixados nas gavetas, poemas publicados em revistas, poemas antigos não usados, sonetos já incluídos na *Biografia*, onde as temáticas espelhavam o seu «actual estado de espírito»⁴ e «cujo fundo mais ou menos satírico os aparentava a estes»⁵.

² Correspondência inédita de José Régio, *op. cit.*, carta a Alberto de Serpa de 11/2/1954.

³ «Cartas familiares inéditas de José Régio», in *Caderno de Cultura*, suplemento do *Jornal de Vila do Conde*, Vila do Conde, 23/12/1982, p. 4.

⁴ José Régio, *Páginas do Diário Íntimo*, *Obra Completa*, Biblioteca de Autores Portugueses, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, p. 264.

⁵ «Cartas familiares inéditas de José Régio», *op. cit.*, p. 4.

O livro realiza-se muito rapidamente. A carta que Régio endereça ao seu amigo Alberto de Serpa, e que se pode apreciar no seu *Diário*, a 19 Março de 1954, é fundamental para entender a génese da obra:

«Assim me vieram, incompletos, uns três ou quatro poemas, aos quais aludi numa carta em que te dizia julgar estar a nascer-me um novo livro. Entre essa carta e a que te escrevi falando-te já no propósito de publicação do livro (isto é: uma semana) o livro fez-se! Poderá ser pouco verosímil; mas é verdadeiro. Claro que se não fez o livro completo, organizado, definitivo: Fizeram-se, apenas, uns sete ou oito poemas que vieram pegados uns aos outros [...] nem seriam sete ou oito poemas que dariam um livro. Simplesmente, existia um *núcleo*, um *fulcro* (o essencial do livro) em volta do qual reuniria, completando-os, alguns fragmentos deixados aí pelas gavetas além dum longo poema já antigo – *Um poeta ainda canta* – [...] e outros que haviam sido publicados em revistas, três dos sonetos novos da 3ª edição da *Biografia* etc.»⁶.

A resposta de Alberto de Serpa para Régio confirma a rapidez da realização do livro: «Surprende-me muito a notícia de que tinhas o livro pronto em véspera de publicação. Pelos termos em que me falaras, pensei que apenas tinhas o projecto dele, e estava longe de supor que tão rapidamente o terminasses»⁷.

Régio trabalhou intensamente na obra, de dia e de noite, usando cada espaço de tempo disponível: «sarrabiscados em quaisquer espaços de tempo livre, sobretudo nas horas da noite [...]»⁸. Numa carta endereçada ao irmão João Maria, datada de Portalegre, a 21 de Maio de 1954, e explicando a génese do livro, o autor confessa que a inspiração poética lhe surge «de noite, na rua, nos intervalos das aulas»⁹. Na verdade, e para confirmar o que foi dito no diário e também ao seu irmão, o conjunto dos manuscritos até hoje conhecido e que diz respeito à mais antiga elaboração do texto¹⁰ (provavelmente a reproduzida no diário), apresenta poemas escritos em folhas de caderno quadrangulares, com caneta de aparo, apontando para o facto de a redacção dos mesmos ter sido feita na casa do poeta, onde era costume a utilização dos referidos papel e instrumento de escrita.

⁶ José Régio, *Páginas do Diário Intimo*, *op. cit.*, pp. 263-264.

⁷ Casa de José Régio, Espólio – Correspondência Serpa, carta de 14/02/54.

⁸ José Régio, *Páginas do diário íntimo*, *op. cit.*, p. 263.

⁹ «Cartas familiares inéditas de José Régio», *op. cit.*, p. 4.

¹⁰ Espólio José Régio, cota n.º 22, Biblioteca Nacional de Lisboa.

No início, no projecto de publicação, a obra nascia com outro título: *O Escudo e a Lança – Sátiras*. Mais tarde seria mudado para *A Chaga do Lado*, que lembra uma expressão já presente em *Biografia, Encruzilhadas de Deus*, e em *Fado*:

A chaga que se abraira no meu peito [...]

*Basta-me dar-vos a todos
Água da chaga do lado! [...]*

*Da minha chaga do lado
Que supus de ninguém mais
Meu sangue correu [...]*

Devemos dizer, antes de mais que o estímulo que levou Régio a publicar a colectânea não foi ligado exclusivamente a um retorno da inspiração poética; as razões de ordem prática, ligada à realização do projecto editorial terão sido também de natureza meramente económica. Régio reconheceu que: «Nessa mesma altura, em razão das minhas loucuras de antiquário, andava eu muito precisando de dinheiro»¹¹.

A Portugália Editora pagou a Régio quatro mil escudos pelo original, na condição de, um mês depois da sua publicação, completar a quantia com outros dois mil escudos.

No entanto, convém acrescentar que as circunstâncias em que realizou a obra e as motivações que estão na sua origem não devem iludirmos quanto à qualidade poética de *A Chaga do Lado* – que não é inferior à sua restante produção. Pelo contrário: acreditamos que as necessidades sentidas pelo autor foram um fundamental estímulo para a selecção de material inédito, que de outro modo ficaria na gaveta.

Apresentamos a seguir por ordem de publicação as diferentes edições de *A Chaga do Lado*, especificando a sua *editio ne varietur* (última vontade editorial do autor) correspondente à segunda edição de 1956:

Edições em vida do autor: [1.^a] Lisboa, Portugália, 1954; [2.^a] Lisboa, Portugália, 1956.

Edições póstumas: [3.^a] Lisboa, Portugália, 1970; [4.^a] Porto, Brasília, 1983.

Edição *ne varietur*: [2.^a] Lisboa, Portugália, 1956.

¹¹ «Cartas familiares inéditas de José Régio», *op. cit.*, 4.

Para constituir o dossier do material genético esquematizado na tabela apresentada nas páginas que seguem, foi realizada uma pesquisa que teve em conta documentos originais (têm valor de originais os manuscritos lavrados directamente pelo autor, ou seja, os *autógrafos*, quer se trate de rascunhos quer de textos passados a limpo; os manuscritos lavrados por Alberto de Serpa, mas sob o controle do autor, ditos *ideógrafos*, e as impressões cuidadas pelo autor) presentes não só nos dois fundos que contêm os manuscritos de José Régio – o espólio do autor, propriedade da Câmara Municipal de Vila do Conde, conservado no Centro de Estudos Regianos (sigla J.R.) e a colecção de manuscritos pertencentes a Alberto de Serpa, conservada na Biblioteca Municipal do Porto, secção *Reservados* (sigla M.SER.) – mas também as duas edições cuidadas pelo autor, que apresentam estádios textuais nem sempre documentáveis pelos testemunhos genéticos, e outras publicações portadoras de variantes. Ao constituir o dossier apercebemo-nos de que o autor insere na obra material relativo a uma outra colectânea de poemas escrita por ele, *Biografia*, formada exclusivamente por sonetos – inclui, a partir da terceira edição de 1952, três sonetos que passarão em seguida a fazer parte da colectânea que é objecto do nosso estudo: *A Chaga do Lado*. Os testemunhos e as edições de *Biografia* foram cronologicamente inseridos no dossier de *A Chaga do Lado*, a fim de reconstruir a evolução genética dos três sonetos¹².

Constatámos que a evolução genética dos mesmos poemas nas duas obras segue linhas paralelas, uma vez que as variantes que apareceram pela primeira vez nas provas da terceira edição de *Biografia* (**BioL**, **BioM**) de 1952, nunca são aplicadas às edições seguintes de *A Chaga do Lado*, ao passo que são mantidas em *Biografia* até à edição *ne varietur* (1969, última publicação em vida do autor), que por consequência apresenta diferenças relativamente à *ne varietur* de *A Chaga do Lado*. Aquilo que se pode deduzir numa primeira análise são duas hipóteses:

1) Régio, ao trabalhar na edição das duas obras, não recorreu sistematicamente à última versão cronologicamente publicada dos sonetos (1952), para colocar variantes nas obras poéticas em curso de publicação, de tal forma que os mesmos sonetos, publicados nos dois livros, fossem considerados como autónomos.

¹² Maria Isabel Cadete Novais ocupou-se da edição do material relativo a *Biografia* no âmbito do projecto de *Estudos e Edição dos Manuscritos Autógrafos de José Régio*, coordenado pelo Professor Luiz Fagundes Duarte, que faz parte do *Programa Lusitânia* financiado pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica e pelo Instituto Camões.

2) Os manuscritos autógrafos dos sonetos presentes no dossier de *A Chaga do Lado* deviam na realidade fazer parte de *Biografia*, testemunhando assim a nova lição que o autor tinha querido colocar na preparação da 4.^a edição de 1955; no entanto, por erro, passaram a fazer parte dos testemunhos de *A Chaga do Lado*, até hoje catalogados como tal; foi este o motivo pelo qual se manteve uma lição que ficou autónoma na colectânea *A Chaga do Lado*, em relação à de *Biografia*, para a qual foram utilizados pelo autor os exemplares preparatórios da edição de 1952, e assim apresentam as mesmas lições todas as edições publicadas em vida pelo autor.

Em *A Chaga do Lado* foram admitidas, relativamente aos três sonetos em questão, as alterações que o autor colocou em testemunhos posteriores à *ne varietur* de *A Chaga do Lado*; no caso específico, foram admitidas as variantes do testemunho **BioN**, preparatório da quinta edição de *Biografia* de Junho de 1969, com o fim de respeitar a última vontade editorial de Régio.

O soneto «Equilíbrio Instável», anteriormente publicado em *Biografia*, está presente em *A Chaga do Lado* com uma lição diferente, a partir do primeiro testemunho autógrafo J.R. 23.7 (B) do espólio do autor; efectivamente, apresenta no v. 9: «no aparente edifício à mão armada», enquanto que todas as versões tomadas em consideração de *Biografia* apresentam: «no aparente equilíbrio à mão armada»; temos de considerar esta lição como nova, uma vez que os manuscritos autógrafos referem esta variante de autor. É esta a vontade do autor; não se pode pôr a hipótese de que a lição presente em *A Chaga do Lado* possa ser o fruto de um erro de escrita que nunca foi corrigido, uma vez que Régio teria tido várias oportunidades para o modificar. Este caso não é único: Régio cria com uma certa frequência versões diferentes de poemas que têm um texto com uma longa génese. O mesmo se diga para os vv. 11 e 13 de «Soneto de circunstância».

No processo de escrita de Régio, como tivemos oportunidade de constatar, é frequente que haja mais do que um documento original disponível de um texto, correspondendo a diferentes estádios de elaboração. O processo de elaboração deixa marcas no documento, tais como correcções, rasuras e substituições, que levam a enfrentar substancialmente o problema de identificação da versão em que o autor exprime a vontade definitiva mais recente. Se os documentos não forem todos datados ou facilmente datáveis, torna-se complexo o processo de determinação *genético-evolutiva* do texto poético em questão¹³.

¹³ Giorgio Inglese, *Come si Legge un'Edizione Critica*, Roma, Carocci editore, p. 47.

Ao percorrer as fases da evolução genética da obra, encontramos um conjunto de 19 testemunhos (incluindo o texto *ne varietur*) que contêm um ou mais poemas do autor e colocámo-los por ordem cronológica; nos casos em que o manuscrito referia a data, foi automática a sua colocação; pelo contrário, para todos os testemunhos manuscritos que não continham nenhuma referência cronológica, a colocação foi feita com base no grau de desenvolvimento do material poético em relação à *ne varietur*. Como é evidente, teve grande importância o tipo de redacção, na medida em que um poema escrito de jacto, seguindo a inspiração momentânea do autor, que se apresenta confuso, com diversas correcções e talvez até sem título, é um poema anterior a um outro que não contém indecisões textuais e que apresenta um certo cuidado na disposição gráfica dos versos, porque isso faz supor que o último poema seja uma cópia de uma anterior redacção e, portanto, geneticamente posterior em relação ao testemunho descrito em primeiro lugar. Para os testemunhos não datados, a colocação obedece a um critério mais genético que cronológico; de facto, os poemas que compõem um testemunho podem ter sido escritos e depois reelaborados em diferentes momentos e nada impede que uma versão acabada de um poema possa ser cronologicamente anterior em relação a uma versão que foi esboçada a partir de uma outra.

No que diz respeito à atribuição das siglas a dar aos testemunhos, teve-se em conta que o espólio do autor, guardado no Centro de Estudos Regionais de Vila do Conde, apresenta os seus testemunhos já ordenados no interior de dossiers relativos a cada uma das obras, com uma sequência de letras maiúsculas que marca a ordem cronológica desses documentos; tendo sido identificado material tanto anterior como posterior em relação ao testemunho mais antigo (**A**) do espólio conservado em Vila do Conde, pôs-se-nos o problema de como poderia ser identificado, a fim de permitir a sua exacta colocação no interior da série previamente fixada dos testemunhos do espólio regiano. Pensou-se na atribuição da letra minúscula (**a1**, **a2**), para os testemunhos que precedem cronologicamente o manuscrito **A**, já atribuída pelos catalogadores do espólio de José Régio, (na sigla J.R.). No que diz respeito aos testemunhos que fazem parte da colecção de Alberto de Serpa (M.SER.) que precedem os testemunhos do espólio J.R. segue-se o mesmo critério: **b1**, **b2** para os manuscritos que precedem o testemunho **B**; **d1**, **d2**, **d3** para os que precedem o manuscrito entregue ao tipógrafo **D**. Exceptuaram-se porém os testemunhos **BioL**, **BioM**, **Bio3**, **Bio4**, **BioN** e **Bio5**, pertencentes ao espólio J.R. mas inseridos no dossier de uma outra obra (*Biografia*).

Com o testemunho **a1** encontramos-nos perante o primeiro caso documentável de proposta ao público de uma composição que foi depois incluída em *A Chaga do Lado*, de que não se conservam manuscritos anteriores. É o testemunho disponível mais antigo do poema, uma vez que contém uma primeira versão completa de «Caridade» intitulada «Humanidade». Foi escrito na frente de uma página não numerada, que faz parte de um pequeno livro de poemas de vários autores composto em Coimbra com o título *Pastinhas de Quintanistas*. O poema foi composto em 1942, doze anos antes da primeira edição de *A Chaga do Lado*. Foi impresso de uma forma muito próxima da versão final, em relação à qual apresenta apenas três variantes (vv. 7, 10 e 16). Presume-se que o autor tenha utilizado, num momento posterior, este testemunho como suporte para a redacção do poema «Caridade». Uma composição com o título «Caridade» aparece no n.º 35 do *Mundo Literário*, publicado em Lisboa a 04-01-1947; é um poema em prosa, mais tarde integrado na colectânea póstuma *Colbeita da Tarde*, não incluída no dossier de *A Chaga do Lado* uma vez que não apresenta uma correspondência textual com o poema em questão; tem em comum o título e uma vaga correspondência temática¹⁴. O primeiro testemunho da colecção de manuscritos que pertenceram a Alberto de Serpa inserido no complexo autógrafo relativo a *A Chaga do Lado* é o documento **a2** (M.SER. 1091) que contém a primeira redacção documentável do poema «Epigrama elegíaco», aqui referido com o título de «Pequena Elegia». O testemunho apresenta-se escrito com uma caligrafia bonita e com cuidado na disposição gráfica dos versos. Presumimos que um testemunho como este seja uma cópia de uma primeira redacção anterior. O poema apresenta apenas 15 dos 17 versos da edição final, com duas variantes nos vv. 13 e 15. Deste poema estão presentes mais dois documentos que não contêm nenhuma variante em relação ao mesmo: Pastinha a.1947 e M.SER. 1039. Para além disso, presumimos que o testemunho **a2** tenha sido utilizado para a impressão da *Pastinha*, e que Alberto de Serpa o tenha voltado depois a copiar no documento M.SER. 1039, tendo o cuidado de referir em nota entre parêntesis: «(Em Poesia – 1947)»; em relação ao título *Poesia*, não se conseguiu encontrar esta publicação. No entanto, podemos adiantar

¹⁴ Os dois poemas apresentam temáticas diferentes; a que foi publicada na *Pastinhas* diz-nos que a vida é cheia de desventuras e tragédias, mas que basta dar uma esmola de amor a este mundo para ter uma recompensa superior àquilo que se perdeu. O outro poema diz-nos que o mundo exige do indivíduo que este seja um herói, que tenha compreensão e amor, que lute pela felicidade mesmo quando o indivíduo tem as mesmas necessidades que o mundo exige dele.

duas hipóteses: ou o título não é exactamente este (tratando-se de uma revista ou de um jornal literário), ou se trata de alguma colectânea poética não identificada.

A seguir, Alberto de Serpa irá referir uma anotação posterior, incluindo o supracitado poema, na colectânea *A Chaga do Lado*. Por esta razão não considerámos os dois últimos documentos como testemunhos, uma vez que não eram portadores de variantes em relação ao testemunho **a2**; serão, pelo contrário, catalogados como *codices descripti*. Por *codice descriptus* entende-se um documento que pode ter um valor para a história do texto e que pode conter *correções conjecturais* interessantes, mas que não acrescenta nenhum elemento de testemunho àquilo que nos é oferecido pelo testemunho seu modelo.

O documento J.R. 22 (**A**) é o primeiro testemunho autógrafo do espólio de Vila do Conde inserido no conjunto do material relativo a *A Chaga do Lado*; e é também o primeiro caso de testemunho em que figuram vários poemas do autor, o que deixa vislumbrar a ideia de um projecto de colectânea: trata-se de folhas que apresentam poemas, a maior parte dos quais sem um título, ou com um título incompleto. O material em verso apresenta-se num estágio inicial, o que deixa supor que se trata de uma primeira redacção, ainda muito incompleta, que pode estar destinada a sucessivas revisões. A distribuição do material parece não seguir uma ordem determinada, apresenta-se confusa e incompleta, com uma típica tendência regiana para a utilização inicial das páginas da direita, para depois prosseguir às vezes nas páginas da esquerda imediatamente anteriores com estrofes acrescentadas em momentos posteriores às primeiras redacções dos poemas, escritos por vezes na vertical ascendente ou descendente das páginas; casos como estes estão presentes nos poemas «Non est hic» e «Onomatopeia»; ou então temos o caso de versos acrescentados nos espaços inter-estróficos de poemas escritos anteriormente, com partes do mesmo poema escritas em sítios diferentes, obviamente em momentos diferentes; é este o caso do poema «Um poeta ainda canta». Encontramos também no interior das páginas poucos versos soltos sem título que conduzem a um poema elaborado apenas posteriormente por Régio num outro testemunho; trata-se do poema «Reportagem», do qual possuímos apenas cinco versos (o autor dará pela primeira vez a redacção do texto no testemunho **d1**) e do poema «Geografia Humana», que será depois elaborado no testemunho **b2**; trata-se seguramente de páginas destinadas a recolher e conservar momentos criativos que necessitam de elaborações sucessivas. O testemunho contém, para além dos dez poemas ou fragmentos deles, que teriam feito parte do projecto de *A Chaga do Lado*, dois fragmentos

inéditos. O testemunho, para além do material em verso, contém duas listas de títulos de poemas que Régio tinha registado na p. 22.10 e na p. 22.17 e que provavelmente atestam uma primeira intenção por parte do autor de criar uma colectânea de composições poéticas que teriam passado a fazer parte do projecto acima referido e, portanto, presumivelmente registadas em 1954 (ano da publicação). A primeira lista elaborada contém os seguintes títulos de poemas:

Legenda | *Um poeta ainda canta* | *Menino, brinca* | *Geografia Humana* | *Os Felizes à força* | *Soneto de Circunstância* | *Reportagem mundana* | *A um camarada* | *A cidade Ideal* | *A um jovem poeta* | *Non est hic* | *Semper eadem*¹⁵ | *O menino sem tempo* | *Última exortação ao meu anjo*;

Na segunda lista encontramos:

Legenda | *Um poeta ainda canta* | *Caridade* | *Geografia Humana* | *Vai nascer um menino* | *Os Felizes à força* | *Ter ou não ter* | *Reportagem* | *A um camarada* | *Soneto de Circunstância* | *A Cidade Ideal* | *Onomatopeia* | *A um jovem Poeta* | *Epigrama elegíaco* | *Non est hic* | *Equilíbrio Instável* | *Grande guerra* | *O menino sem tempo*.

Estas duas listas fornecem-nos informações genéticas particularmente interessantes:

– Na primeira lista figuram catorze títulos de poemas, enquanto que os poemas contidos no mesmo documento são apenas dez e apresentam títulos, onde eles existem, muito parciais em relação aos da lista.

– Figuram, para além disso, três títulos que não vão aparecer em *A Chaga do Lado*, e que são «Menino, brinca», «Semper eadem» e «Última exortação ao meu anjo»; os primeiros dois títulos não estão presentes noutras publicações, e por isso devemos aceitar a hipótese de se tratar de títulos provisórios de poemas depois publicados em *A Chaga do Lado* com outro título; naquilo que diz respeito ao último, ele faz parte das composições inéditas e dispersas que, depois da morte do autor, foram publicadas (1971) pelo seu amigo Alberto de Serpa em *Colheita da Tarde* (juntando todo o material do autor apresentável em sua posse e todo aquele que estava disseminado em álbuns, revistas, jornais e em casa do próprio Régio) por vontade de Régio, expressa quer na nota preliminar à terceira edição dos *Poemas de Deus e do Diabo*, quer no título que aparece na primeira página do caderno M.SER. 1094 (**b2**);

¹⁵ O título é escrito em latim, e o significado mais próximo, tratando-se “eadem” de um pronome determinativo feminino singular, no nominativo, deveria ser: Sempre o mesmo.

Régio não conseguiu publicá-los em vida e foi por esse motivo que foram publicados depois da sua morte. É evidente que Régio, na primeira redacção dos títulos dos poemas que deveriam ter feito parte da colectânea *A Chaga do Lado*, pensa inserir uma composição tirada dos seus *Inéditos e dispersos*, mas esta lição não foi aceite posteriormente. A lista não segue nem a ordem dos poemas apresentados no testemunho nem a definitiva, presente na *ne varietur*; e apenas cinco títulos se referem aos poemas presentes no testemunho; a segunda lista apresenta dezoito dos vinte e um títulos da colectânea, todos aqueles que serão efectivamente publicados estão confirmados, excepto um caso: «Ter ou não ter», que se apresenta ainda com um título parcial: aparecem assim sete novos títulos de composições que serão depois incluídas na colectânea. Régio recusa nesta segunda lista os três títulos desconhecidos da colectânea presentes na primeira; mas a lista não apresenta o título do poema escrito em 1954 «Encontro nocturno» e da última composição do testemunho: «Tu e nós»; enquanto que o penúltimo título, «Grande guerra», foi acrescentado num momento posterior, uma vez que no momento da composição da lista Régio deixa a entrelinha vazia pondo aí um (x) a caneta vermelha e só depois aí acrescenta o título com um lápis roxo (o poema foi escrito algumas páginas depois).

– Não foram incluídos na segunda lista três títulos de poemas que aparecerão na colectânea: «Sabedoria», «Encontro nocturno» e «Tu e nós», dos quais os dois últimos tinham já sido compostos no testemunho, mesmo sem referir o título, e serão ultimados e definidos, o primeiro no testemunho **d2** (que é imediatamente anterior, cronologicamente falando, ao manuscrito para o tipógrafo); o segundo apenas no testemunho **D**, que aquele das notas para o tipógrafo.

– Estas listas permitem-nos formular a hipótese de o autor as ter elaborado sobre um núcleo de sete ou oito composições, as que estiveram na origem do livro; ou seja, o núcleo principal de poemas, o essencial do livro, à volta dos quais teria depois acrescentado alguns fragmentos escritos há muito tempo em vários momentos de inspiração e alguns poemas preexistentes muito anteriores ao projecto de publicação como: «Um poeta ainda canta», sobre o qual Régio volta a trabalhar em função da criação do livro, e «Os felizes à força», como confirmam as datas de redacção postas no fim do texto poético. Põe-se a hipótese de o documento representar um conjunto de testemunhos que documentam uma das fases mais antigas de elaboração do texto, por parte de Régio, provavelmente a que é documentada no seu *Diário*¹⁶. As folhas de caderno

¹⁶ Cf. José Régio, *Páginas do Diário íntimo*, cit., pp. 263-264.

quadriculado e separadas em bifólios, escritas com *caneta de aparo* testemunham que a realização das composições ocorreu em casa, porque Régio tinha o hábito de utilizar este tipo de materiais em casa.

Com o testemunho **b1** (M.SER. 1123) encontramos-nos perante uma transcrição destinada a Alberto de Serpa; a primeira página que abre o caderno contém o primeiro poema da colectânea *A Chaga do Lado*; é o primeiro testemunho em nossa posse a documentar o poema «Legenda», que já se apresenta passado a limpo (aqui referido com o título «Dignidade Humana») o que testemunha a forma como o poema, já em 1950 (ano de redacção referido no final da composição), tinha atingido um grau notável de aperfeiçoamento; voltaremos a encontrá-lo posteriormente na primeira posição, com o título modificado, apenas no manuscrito (test. **D**) em que o autor reúne todos os poemas com vista à composição tipográfica.

O testemunho **b2** (M.SER. 1094) é uma outra transcrição destinada a Alberto de Serpa; relativamente ao poema «Um poeta ainda canta», aqui incluído, encontramos no fim do texto uma indicação sobre o ano: 1948, em que o autor considerou o poema concluído (apesar de incompleto) e pronto para a publicação; o poema foi enviado muito incompleto a uma revista, que não conseguiu publicá-lo por ter cessado a sua actividade; posteriormente o autor voltou a trabalhar sobre ele, acrescentando ulteriores alterações e correcções; o ano da sua redacção definitiva é 1954.

Apesar de ter a data de 1948, e a seguir a de 1954 (percurso análogo ao do testemunho J.R. 22; composto a 13-09-1948 e aperfeiçoado no ano de 1954, se seguirmos a hipótese acima enunciada), apresenta uma versão do poema seguramente posterior àquela escrita no testemunho J.R. 22 (**A**), uma vez que oferece uma transcrição, ou seja, uma versão mais depurada, embora ainda distante da versão definitiva; é também considerada posterior ao testemunho **A**, sobretudo tendo em consideração os versos acrescentados, uma vez que a versão presente no testemunho **A** consta de 92 versos, ao passo que no doc. **b2** o número de versos é muito superior. O título em **A** apresenta incertezas e não está completo, enquanto que em **b2** se apresenta já na sua forma definitiva. Em conclusão, deve-se, portanto, admitir a hipótese da existência de duas fases de revisão do poema presente no testemunho **b2**, a segunda das quais é posterior à revisão do testemunho **A**. Isto cria interessantes ligações cronológico-genéticas entre os dois testemunhos. Também o poema «Geografia Humana» no testemunho **b2**, apesar de apresentar muitas incertezas apresenta-se muito mais trabalhado, já com um título, em relação ao fragmento presente no doc. **A** e está datado: 02-1951, o que faz remontar o fragmento a uma data anterior. O poema «Os felizes à força» em **b2** aceita a lição corrigida no doc. **A**; do poema temos apenas

os primeiros 22 versos, escritos com um cuidado gráfico especial, o que faz supor que se trata de uma transcrição da qual se perdeu a página que continha o resto dos versos, e não de uma versão incompleta do mesmo. Para além disso, no testemunho **b2** temos uma primeira versão de «A um jovem poeta» e «A um camarada», ambas datadas de 1953; só o poema «A um camarada», enviado para publicação a uma revista do *Colégio Francês* de Alice Gomes Casais Monteiro, refere também a data de uma posterior revisão efectuada no ano de 1954. Os poemas apresentam-se num aspecto muito próximo do definitivo; se esta redacção não foi a primeira em absoluto, representa um dos estádios mais antigos da sua composição. Os poemas apresentam-se ambos num estado avançado de elaboração, embora revelem várias fases de correcção e, naquilo que diz respeito a «A um jovem poeta», algumas intervenções ocorreram num momento posterior à redacção do poema; confirmam-no os versos acrescentados no fim do texto, depois da data e da assinatura, e do ponto de vista do seu aspecto físico o texto aparece reorganizado por hipótese em função do projecto editorial. As alterações efectuadas e as lições acrescentadas nos dois poemas foram aceites, no que diz respeito a «A um jovem poeta», nas duas redacções sucessivas que as incluem, ou seja, o testemunho J.R. 23 (**B**) e o manuscrito para o tipógrafo J.R. 25 (**D**); no que diz respeito ao primeiro, observamos que estão presentes apenas os versos finais (a partir do v. 39), passados a limpo e ornamentados com um desenho de fecho no fim da página; o aspecto físico com que o poema se apresenta deixa-nos perceber que os versos iniciais que faltam (vv. 1-38), que não estão na nossa posse, se perderam, e que por isso não estamos perante um caso de uma versão incompleta. No que se refere a «A um camarada», as lições propostas são largamente aceites no manuscrito J.R. 25 (**D**), o único em nossa posse a incluí-lo; o manuscrito apresenta um caso particularmente significativo daquele movimento para trás na escolha das variantes, uma vez que numa intervenção posterior, no verso 6, o autor aplica uma correcção que na realidade recupera uma intervenção rejeitada no testemunho anterior (**b2**) no decurso da primeira redacção. Esta intervenção fixa a lição entregue para impressão.

Os testemunhos que se sucedem cronologicamente a **b2** são: **BioL**, **BioM** e **Bio3**, dos quais falámos já largamente; depois deles, do ponto de vista cronológico, encontramos o testemunho J.R. 23 (**B**) que propõe uma segunda versão já mais próxima da definitiva («Ter ou não ter ou os amigos») mas com um título que apresenta ainda indecisões e que está incompleto. A versão definitiva será apresentada já passada a limpo no testemunho seguinte, J.R. 24 (**C**) (que contém este único poema), e depois

transcrita no manuscrito para o tipógrafo (**D**). O testemunho **B** apresenta também uma versão ainda distante da definitiva, apesar de se diferenciar notoriamente da primeira redacção, presente no testemunho **A**; o poema, de difícil leitura devido ao seu aspecto físico, aos diversos instrumentos de escrita utilizados e às muitas variantes presentes, deixa-nos deduzir que o autor efectuou vários trabalhos de correcção depois da primeira redacção, como é o caso muito evidente do v. 66, ao qual foram aplicadas quatro lições diferentes. Tanto este testemunho como aquele imediatamente a seguir, **d3** – que se apresenta num estágio de redacção muito apurado, quase conforme à *ne varietur*, decorado com magníficos retratos – indicam a mesma data no fim do texto: 1954. As datas poderiam criar confusão, mas é claro que os dois testemunhos não podem ser contemporâneos e que um é posterior ao outro. O que deduzimos é que a data no documento **B** é posterior à redacção do poema e representa a data da última revisão efectuada pelo autor no período em que se perspectivava o projecto editorial; enquanto que a data posta no documento **d3** é a da efectiva transcrição do poema no documento¹⁷, que apresenta uma versão quase definitiva do poema.

Os testemunhos M.SER. 1108 (**d1**), que contém «Reportagem», e M.SER. 1087 (**d3**), que contém «Encontro nocturno», ambos datados de 1954, foram escritos com um cuidado gráfico especial e contêm versões quase definitivas dos poemas; de um ponto de vista cronológico, são os testemunhos mais próximos da versão final.

O testemunho J.R. 25 (**D**) é o manuscrito original em que o autor tinha transcrito todos os poemas tendo em vista a composição tipográfica, e por isso marca um passo importante no processo de publicação da colectânea poética. O manuscrito contém uma numeração autógrafa nas páginas; mas quando chega à página 28, encontramos uma dupla numeração: ao número 28 sucede um 28 apostrofado em «Sabedoria», e em «Encontro nocturno» aparece ao lado de uma numeração alfabética (a-e), onde o mesmo número (28) se repete em todas as páginas do poema e apenas mudam as letras; esta indicação leva-nos a deduzir que os poemas foram inseridos em momentos posteriores à primeira redacção do caderno. Isto é confirmado pelo índice posto no fim do caderno, que mostra claramente a inserção em direcção à margem direita dos dois títulos dos poemas em questão. Não temos elementos para determinar quando ocorreu a sua inserção no caderno manuscrito, se é posterior à composição

¹⁷ Recordemos que este documento é imediatamente anterior ao manuscrito entregue ao tipógrafo para a impressão, e contém apenas este poema.

dos primeiros esboços ou se ocorreu durante a revisão dos mesmos, uma vez que dos esboços da colectânea apenas temos à disposição três páginas que contêm o frontispício, das quais só uma é autógrafa. Vários poemas apresentam correcções, que admitimos terem sido feitas durante a releitura do manuscrito, para serem depois integradas nas provas no momento da sua correcção, ou então que as alterações tenham sido efectuadas pelo autor durante a correcção e depois transcritas para o caderno.

Chegámos, depois de termos analisado todas as etapas de um longo percurso genético, ao texto da primeira impressão, documento (1^a), portador da publicação da primeira edição da colectânea poética *A Chaga do Lado*, que surgiu em 1954. A primeira impressão representa a conclusão do processo criativo originário da obra e é, portanto, o resultado da mais intensa fase produtiva do escritor, que nunca mais será alcançada no decurso de outras reelaborações de redacção com vista a posteriores edições; a edição seguinte, presente no documento (2^a), publicada em 1956, contém o texto correspondente à última vontade do autor, na qual fica registada a nova fase do desenvolvimento artístico desta obra, resultado da revisão da primeira edição. Esta reelaboração posterior, na qual o autor tenta uniformizar a obra com as posições que alcançou em seguida, altera o valor documental da primeira impressão, atribuindo à última redacção (*ne varietur*, 1956) a fase mais importante de desenvolvimento do processo criativo do autor. Mas não devemos esquecer que a decisão do autor de publicar pela primeira vez uma obra confere ao texto da primeira impressão um peso relevante e torna-o testemunho representativo da vontade do autor. Para além disso, o texto da primeira impressão exerce um efeito mais duradouro, uma vez que provoca recensões mais atentas, suscita polémicas literárias e possui uma particular importância do ponto de vista da sua recepção¹⁸.

Não foram tomadas em consideração, para os fins deste estudo, as publicações póstumas, uma vez que não são portadoras de variantes de autor, e outras publicações, contendo poemas isolados ou a colectânea inteira. A maior parte delas, anterior à *ne varietur*, não apresenta nenhuma variante, o que muda às vezes é o aspecto gráfico do poema, já que se trata evidentemente de uma reprodução do texto da segunda edição do livro; são, portanto, classificáveis como testemunhos descritos:

¹⁸ Cf. Alfredo Stussi, *Introduzione agli Studi di Filologia Italiana*, Urbino, Il Mulino, 1997, p. 192.

- a primeira «Pequena elegia», que figura na página 34 de um *caderno de poesia*; o caderno contém 70 poemas (temos razões para acreditar que nenhum deles é inédito) presentes em vários livros de Régio, por vezes com mais que uma versão. As primeiras quarenta e cinco páginas, que incluem o nosso poema, foram escritas por Alberto de Serpa;
- «Pequena elegia», composta em Portalegre em 1947 e publicada nas *Pastinhas de Quintanistas*, em Coimbra, organizadas naqueles anos pelo poeta Campos de Figueiredo;
- «Grande guerra», publicada no *Diário de Luanda* de 11-4-1959.

Tabela recapitulativa do material que compõe a edição crítico-genética de *A Chaga do Lado*: presença das poesias nos vários testemunhos que precedem a edição *ne-varietur* e a seguem, apresentando o último desejo do autor e as características genéticas delas.

Poemas	Pastinha a.1942	M.SER 1091	J.R. 22	M.SER 1123	M.SER 1094	J.R. 11	J.R. 112	Biografia 3ª ed. 1952
	a1	a2	A	b1	b2	Biol	Biom	Bio3
Legenda				•				
Um poeta ainda canta			•		•			
Caridade	•							
Geografia humana			•		•			
Vai nascer um menino								
Os felizes à força			•		•			
Ter ou não ter, ou...			•					
Reportagem			•					
A um camarada					•			
Sabedoria								
Encontro nocturno			•					
Soneto de circunstância						•	•	•
A cidade ideal								
Onomatopeia			•					
A um jovem poeta					•			
Epigrama elegíaco		•						
Non est hic			•					
Equilíbrio instável						•	•	•
Grande guerra			•					
O menino sem tempo						•	•	•
Tu e nós			•					

